

NEOLITIZAÇÃO E MEGALITISMO DA PENÍNSULA IBÉRICA



ADECAP
Associação para o Desenvolvimento da Cooperação em Arqueologia Peninsular

Porto
ADECAP
2000

Actas do 3.º Congresso de Arqueologia Peninsular · Vol. III

**3.º CONGRESSO DE
ARQUEOLOGIA PENINSULAR**

UTAD, VILA REAL, PORTUGAL,
SETEMBRO DE 1999

uma organização ADECAP - UTAD

ACTAS

Coordenação Editorial Geral

VÍTOR OLIVEIRA JORGE

Vol. 3

**NEOLITIZAÇÃO E MEGALITISMO
DA PENÍNSULA IBÉRICA**

Coordenação de

**PABLO ARIAS • PRIMITIVA BUENO
DOMINGOS CRUZ • JORGE X. ENRIQUEZ
JORGE DE OLIVEIRA • M.ª JESUS SANCHES**

Porto
ADECAP
2000



Este Congresso foi realizado sob os auspícios de:

EAA – European Association of Archaeologists
 EAN-REA – European Archaeology Network - Rede Europeia de Arqueologia
 ICOM – International Council of Museums
 ICOMOS – International Council of Monuments and Sites
 IFRAO – International Federation of Rock Art Organizations

3.º CONGRESSO DE ARQUEOLOGIA PENINSULAR Actas – Vol. 3

publicação da

Associação para o Desenvolvimento da Cooperação em Arqueologia Peninsular (ADECAP)
 Rua Aníbal Cunha, 39 - 3º - s. 7 - 4050-048 PORTO - Portugal.
 Faxes: (+351) 22 202 69 03 / 22 208 71 49 - E-mail: vojsoj@mail.telepac.pt

Composição, Impressão e Acabamento

A.C. Litografia
 Rua Conselheiro Lobato, 179 - 4700-338 BRAGA - Portugal.
 Telef. (+351) 253 27 29 67 / 253 61 65 40 - Fax (+351) 253 61 20 08
 E-mail: aclitografia@mail.telepac.pt

Distribuição:

Portico Librerias
 P.O. Box 503
 50080 Zaragoza - España
 E-mail: portico@zaragoza.net

Setembro de 2000.

Tiragem: 1.000 exs.

Depósito legal n.º 148567/00

ISBN: 972-97613-4-5

Apoio: Fundação para a Ciência e a Tecnologia, Delegação Regional da Cultura do Norte
 e Fundação Calouste Gulbenkian.

SUMÁRIO

SESSÃO 12

Neolitização da Península Ibérica

Coordenadores: Maria de Jesus Sanches & Pablo Arias	5
<i>Introdução</i>	7
<i>O processo de neolitização na Costa Sudoeste</i> , por Nuno Ferreira Bicho, Mary Stiner, John Lindly & C. Reid Ferring	11
<i>As comunidades neolíticas no interior alentejano: uma leitura cultural e cronológica</i> , por Mariana Diniz	23
<i>Neolitização e megalitismo no Alentejo central: uma leitura espacial</i> , por Manuel Calado	35
<i>Indústrias macrolíticas do Pós-glaciar no Alto Ribatejo</i> , por Ana Rosa Cruz, Stefano Grimaldi, Luiz Oosterbeek & Pierluigi Rosina	47
<i>Necrópoles de gruta no contexto da neolitização do Alto Ribatejo</i> , por Ana Rosa Cruz .	61
<i>El valle de Ambrona y la cueva de La Vaquera: testimonios de la primera ocupación neolítica en la cuenca del Duero</i> , por Manuel A. Rojo Guerra & Soledad Estremera Portela	81
<i>El Neolítico en el País Vasco: pensando la marginalidad</i> , por Alfonso Alday Ruiz . .	97
<i>La transición al Neolítico en la región cantábrica. Estado de la cuestión</i> , por Pablo Arias Cabal, Jesús Altuna, Angel Armendariz, Jesús Emilio González Urquijo, Juan José Ibáñez Estévez, Roberto Ontañón Peredo & Lydia Zapata	115
<i>O Neolítico en Galicia. Estado da cuestión</i> , por J. Suárez Otero & R. Fabregas Valcarce	135
<i>A estação neolítica do Prazo (Freixo de Numão - Norte de Portugal) no contexto do Neolítico Antigo do Noroeste peninsular. Algumas considerações preliminares</i> , por Sérgio Monteiro-Rodrigues	149
<i>Reflexões sobre o povoamento do Neolítico inicial do Norte de Portugal (VI.º-IV.º mil. A.C.)</i> , por Maria de Jesus Sanches	181

SESSÃO 13.1

Megalitismo - Norte da Península

Coordenadores: Primitiva Bueno & Domingos Cruz	203
<i>Introdução</i>	205
<i>Des pierres aux mots... et réciproquement (quelques considérations de terminologie mégolithique pour l'ouest de la France et ailleurs)</i> , par Charles-Tanguy Le Roux	207
<i>La neolitización del litoral cantábrico en su expresión más consolidada: la presencia de los primeros túmulos</i> , por Miguel A. de Blas Cortina	215
<i>Túmulo I del conjunto tumular de La Xorenga, El Canadeiro (Xestoso, Grandas de Salime, Asturias). Mundo funerario neolítico en el Occidente asturiano</i> , por Estefanía Sánchez Hidalgo	239

<i>El megalitismo en la Cuenca Alta y Media del Ebro</i> , por Maria Teresa Andrés Rupérez	255
<i>Megalitismo y vías naturales de comunicación en el SO Salmantino</i> , por S. López Plaza, J. Luis Francisco & R. Salvador Mateos	271
<i>Los túmulos como asentamientos</i> , por Felipe Criado Boado, Camila Gianotti García & Victoria Villoch Vázquez	289
<i>Aspectos historiográficos del megalitismo gallego: de la documentación medieval al siglo XIX</i> , por Marcos Martín-Torres & Antón A. Rodríguez Casal	303
<i>El fenómeno tumular y megalítico en la Galicia Suroccidental: aspectos historiográficos y estado actual de la investigación</i> , por Carmen Gómez Nistal & Antón A. Rodríguez Casal	321
<i>La arquitectura del túmulo de Os Consellos (Nigrán, Pontevedra)</i> , por Juan Cano, Pablo Vázquez Liz & Miguel A. Vidal Lojo	337
<i>Alguns problemas em foco, após duas décadas de estudo do megalitismo português</i> , por Vítor Oliveira Jorge	357
<i>O núcleo megalítico do Mezio (Arcos de Valdevez)</i> , por Nuno Miguel S. R. Soares	369
<i>Expressões funerárias do Centro de Portugal (V.º-III.º mil. a.C.) (resumo)</i> , por Domingos J. da Cruz	375
<i>Espaço funerário e "espaço cénico": a Orca do Folhadal (Nelas)</i> , por João Carlos de Senna-Martínez & José Manuel Quintã Ventura	379
<i>Modelo de ficha para la catalogación de monumentos megalíticos: una propuesta a debate</i> , por María Amor Beguiristáin & David Vélaz	399

SESSÃO 13.2

Megalitismo – Sul da Península

<i>Coordenadores: Jorge de Oliveira & Jorge X. Enriquez</i>	409
<i>Introdução</i>	411
<i>O megalitismo da área da barragem Marechal Carmona (Concelho de Idanha-a-Nova): uma análise espacial</i> , por André Tomás Santos	413
<i>Economia e sociedade dos construtores de megálitos da bacia do Sever</i> , por Jorge de Oliveira	429
<i>Symbols in stone – ritual activities and petrified traditions</i> , by Lars Larsson	445
<i>Continuidade e rupturas do megalitismo no distrito de Portalegre</i> , por Clara Duarte Oliveira & Jorge de Oliveira	459
<i>A Pré-história recente em Loures: dois projectos de investigação em curso</i> , por Florbela Estêvão & Maria Manuela de Deus	473
<i>Monumentos megalíticos do concelho de Coruche</i> , por Ana Cristina Calais Freire dos Santos	485
<i>El megalitismo en el Sureste peninsular</i> , por M. M. Ayala Juan, S. Jiménez Lorente, J. F. Idáñez Sánchez, J. Ponce García, A. Martínez Rodríguez, M. San Nicolás del Toro & C. Martínez Sánchez	505
<i>O monumento megalítico da Idade do Ferro do Monte da Tera – Pavia (Portugal)</i> , por Leonor Rocha	521
<i>Conclusões</i>	531

SESSÃO 12

Neolitização da Península Ibérica

Coordenação de
M.^a JESUS SANCHES
PABLO ARIAS

A ESTAÇÃO NEOLÍTICA DO PRAZO (FREIXO DE NUMÃO – NORTE DE PORTUGAL) NO CONTEXTO DO NEOLÍTICO ANTIGO DO NOROESTE PENINSULAR. ALGUMAS CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES

por

Sérgio Monteiro-Rodrigues*

Resumo: Pretende-se, inicialmente, proceder à apresentação sumária da estação arqueológica que constitui a base desta comunicação – a Estação Neolítica do Prazo (Freixo de Numão – Norte de Portugal), caracterizando as diferentes fases de ocupação que aí se detectaram. Nessa descrição será posta a tónica no tipo de *habitat* adoptado pelas populações daquele sítio (*habitat* de ar livre). Posteriormente, será feita a apresentação de outras estações neolíticas do Noroeste da Península Ibérica, comparando as respectivas modalidades de ocupação do espaço com a existente no Prazo.

Por último, realizar-se-á uma análise diacrónica dos diferentes tipos de *habitat* desde períodos anteriores ao Neolítico Antigo até momentos mais recentes, procurando-se apontar rupturas e/ou continuidades.

Palavras-chave: Noroeste Peninsular; Neolítico Antigo; neolitização.

1. INTRODUÇÃO

A Estação Neolítica do Prazo foi descoberta em Abril de 1996 por António N. Sá Coixão, na sequência da escavação de estruturas romanas e medievais existentes naquele lugar. Segundo este investigador¹, foram encontradas por baixo do nível romano do sector I (fig. 1) várias camadas arqueológicas que forneceram inúmeras espólios líticos (objectos em quartzite, quartzo, sílex e anfibolito), bem como fragmentos de vasos cerâmicos (decorados e lisos) de características pré-históricas. Aparentemente, estes artefactos estavam em conexão com um conjunto de afloramentos graníticos, os quais, no passado, terão constituído parte de um abrigo ou cabana.

* Departamento de Ciências e Técnicas do Património da FLUP.

¹ A. N. SÁ COIXÃO, Relatório de Escavações Arqueológicas apresentado ao IPPAR, 1996 (cedido pelo autor).

Estas descobertas levaram posteriormente à realização, pelo mesmo arqueólogo, de três sondagens – sondagem X (no sector VII), sondagem Y (no sector IX) e sondagem Z (no sector XXIII) – em torno de outros afloramentos dispersos pela área do Prazo, com o objectivo de detectar ocupações de tipo semelhante (fig. 1). Embora na sondagem Y tenham sido encontradas algumas estruturas pétreas que mais tarde se veio a confirmar estarem relacionadas com construções romanas, as sondagens X e Z revelaram dois novos locais com ocupação pré-histórica, atestada, uma vez mais, pela presença de espólio lítico e cerâmico. Na sondagem Z foram ainda detectados dois buracos de poste e uma estrutura pétreia com a configuração de um “murete”, constituída por blocos de quartzo.

Em 1997, aquando do início dos nossos trabalhos de escavação, entrevistamos fundamentalmente nas áreas em torno das referidas sondagens X e Z, e numa área do sector I, contígua ao local onde Sá Coixão havia detectado pela primeira vez os vestígios pré-históricos do Prazo. Pretendemos, deste modo, avaliar a real importância arqueológica destes locais.

Já em 1998 centrámos a nossa atenção sobretudo no sector I, pelo facto desta zona revelar uma considerável potência estratigráfica, susceptível de possuir várias fases de ocupação.

2. LOCALIZAÇÃO

A Estação Neolítica do Prazo localiza-se no lugar do Prazo, freguesia de Freixo de Numão, concelho de Vila Nova de Foz Côa, distrito da Guarda (fig. 2). As coordenadas UTM da zona central da estação são as seguintes: 29T PF 476 482.

Do ponto de vista topográfico, os locais escavados implantam-se em superfícies aplanadas (*plateaux*), sobranceiras ao vale de S. João, na vertente voltada a NE. As suas cotas oscilam entre 570m e 580m.

No vale de S. João nasce uma pequena linha de água, tributária da ribeira de Murça. Esta última, por seu turno, desagua no rio Douro, a cerca de 8 Km a Norte do Prazo. A ligação do vale de S. João ao vale da ribeira de Murça origina uma vasta depressão que, no passado, poderá ter constituído uma importante via de ligação entre os territórios montanhosos do interior e o vale do Douro.

Como referimos anteriormente, as áreas com ocupação pré-histórica encontram-se junto de grandes afloramentos graníticos, que surgem dispersos por toda a área da estação. Em termos geológicos, estes afloramentos integram o Maciço Granítico de Freixo de Numão².

Se por um lado estas formações rochosas parecem ter facilitado a construção de abrigos ou cabanas, terão sido igualmente importantes enquanto pontos estratégicos para a observação de um amplo território em torno dos locais de habitat. De facto, do alto de alguns penedos é possível avistar, para Norte, a totalidade da depressão acima referida, praticamente até ao rio Douro.

² Segundo Carta Geológica de Portugal, na escala 1/50000, folha 15A – Vila Nova de Foz Côa.

3. ESCAVAÇÃO

3.1. Escavação do sector XXIII (área da sondagem Z)

Nesta área procedemos à abertura de 28m² (fig. 3) com o principal objectivo de determinar o desenvolvimento da estrutura tipo “murete”, anteriormente posta a descoberto. Assim, verificámos que esta se estendia na direcção de dois grandes afloramentos graníticos, aos quais se adossava. Por outro lado, a dispersão de vários blocos de quartzo por praticamente toda a área escavada leva-nos a pensar que a referida estrutura terá estado sujeita a fenómenos erosivos (antrópicos ou não), responsáveis pelo seu desmantelamento quase total. No decurso dos trabalhos detectámos mais 5 buracos de poste em aparente conexão com a estrutura pétreia em questão (fig. 4).

3.1.1. Estratigrafia e estruturas

A análise do corte AA9/W9 (fig. 5) permitiu-nos a observação da seguinte sequência estratigráfica:

Camada 0 – Terra humosa.

Camada 1 – Camada arenosa, polvorenta, de cor castanha clara e pouco compacta. Em alguns locais apresenta pequenos leitos horizontais de sedimentos finos. Forneceu um reduzido número de fragmentos cerâmicos e de objectos líticos pré-históricos (sem características cronológico-culturais específicas), cerâmicas romanas, cerâmicas vidradas e restos metálicos.

Camada 2 – Camada arenosa, de textura um pouco mais grosseira do que a camada 1, com uma coloração acinzentada. Forneceu espólio semelhante ao da camada anterior.

Camada 3 – Camada amarelada, saibrosa, constituída por fragmentos de granito desagregado de dimensões reduzidas. As estruturas detectadas (“murete” e buracos de poste) encontram-se associados a este depósito. Forneceu poucos artefactos sendo, contudo, de salientar a existência de cerâmica romana neste nível. Do interior de alguns dos buracos de poste recolhemos carvões.

Bed rock – Granito porfíroide profundamente alterado.

3.1.1.1. Interpretação sintética dos dados

Dada a inexistência de artefactos com características técnicas e tipológicas susceptíveis de darem indicações cronológicas mais ou menos precisas, bem como em consequência do claro revolvimento do terreno neste sector, não foi possível caracterizá-lo do ponto de vista arqueológico³.

³ Aquando da realização da sondagem Z, A.N. Sá Coixão detectou um buraco de poste que forneceu carvões, os quais foram datados pelo radiocarbono no ITN. Os resultados obtidos foram os seguintes: Sac-1489: 2590±50 BP (806-770 cal BC para 1 sigma; 824-757 cal

3.2. Escavação do sector VII (área da Sondagem X)

Embora pobre em estruturas, este local mostrou-se importante pela quantidade e qualidade dos materiais que forneceu aquando da realização da sondagem X. Com o intuito de se proceder ao seu correcto posicionamento estratigráfico, decidimos intervir neste local, escavando uma área de 43m² em torno da referida sondagem e dos grandes afloramentos graníticos que aqui existem (fig. 6).

3.2.1. Estratigrafia e Estruturas

A observação de vários cortes (fig. 7) permitiu-nos a identificação da sequência estratigráfica seguinte:

- Camada 1* – Camada arenosa, de cor cinzenta clara, com textura grosseira, englobando elementos rochosos (quartzo, feldspato e granito) de dimensão média a pequena. Forneceu materiais pré-históricos (cerâmicas e objectos líticos) conjuntamente com cerâmicas romanas. A única estrutura associada a este nível é a base de um muro de contenção de terras de idade contemporânea.
- Camada 2* – Camada arenosa, mais fina que a do nível superior, de cor cinzenta escura, rica em carvões e em fragmentos de granito alterado. Forneceu materiais pré-históricos (cerâmicas e objectos líticos), a par de materiais de idade romana (fragmentos de cerâmica, fragmentos de bronze, uma fíbula e uma moeda). Nesta camada surgiu uma pequena estrutura pétrea com função indeterminável. Pelo alinhamento que apresenta, não é de excluir a hipótese de se tratar de parte do alicerce do referido muro de contenção de terras, presente na camada 1.
- Camada 3* – Camada amarelada, saibrosa, com grandes fragmentos de granito alterado. A sua base tende a tornar-se mais compacta, principalmente na zona de contacto com a rocha de base. Aqui detectaram-se unicamente materiais pré-históricos (líticos e cerâmicos) e algumas estruturas muito fragmentárias (fig. 8). São elas: um pequeno alinhamento de pedras, algumas delas imbricadas (quadriculas EA/EB37/38), um outro aglomerado pétreo composto por rochas de diversas dimensões (quadriculas DW/DX41/42), um provável resquício de piso de terra batida(?) (quadriculas DY/DZ37/38) e um buraco de poste (quadricula ED/43).
- Camada 4* – Camada de cor beije, constituída por elementos graníticos grosseiros. Existe apenas numa zona deprimida da rocha de base. Não forneceu espólio arqueológico.
- Bed rock* – Granito porfiróide profundamente alterado.

BC e 682-546 cal BC para 2 sigma). Em virtude da clara perturbação estratigráfica do local, e uma vez que apenas dispomos de uma única data, pensamos não ser viável para já atribuir qualquer significado cronológico-cultural a esta datação.

3.2.1.1. Interpretação sintética dos dados

- Existência de três camadas arqueológicas: duas remexidas desde, pelo menos, o período romano (camada 1 e 2) e uma aparentemente selada (camada 3).
- A camada 3 é sem dúvida a mais importante, não só pelo facto de se encontrar preservada, mas também por ter sido aquela que forneceu o melhor espólio pré-histórico (por exemplo, lâmina de sílex, machado de pedra polida, cerâmica lisa e cerâmica decorada com incisões, punccionamentos, mamilos, etc.).

3.2.2. Espólio pré-histórico recolhido

Os materiais recolhidos não foram ainda alvo de um estudo exaustivo, pelo que apenas apresentamos alguns dados de carácter geral, obtidos no decurso dos nossos trabalhos de campo. Estes dados dizem respeito ao espólio pré-histórico proveniente das três camadas arqueológicas uma vez que os materiais das camadas 1 e 2 apresentam as mesmas características dos da camada 3 (camada neolítica selada). De facto, a sua inserção nas duas camadas superiores resulta apenas das acções de revolvimento do terreno, não tendo portanto o seu diferente posicionamento estratigráfico qualquer significado cronológico-cultural distinto.

3.2.2.1. Espólio lítico

a) Materiais talhados

As principais características dos materiais líticos talhados detectados são as seguintes:

- Predominam os objectos talhados a partir de quartzo hialino (em cristal ou amorfo) e quartzo leitoso; ocorrem igualmente lascas de quartzite, de sílica opalina e de sílex (raro).
- Verifica-se um claro predomínio de produtos de talhe (esquírolas, pequenas lascas, etc.) face a objectos “funcionais” (lâminas ou lamelas, raspadeiras, etc.).
- Trata-se de uma indústria predominantemente microlítica, com uma percentagem muito reduzida de geométricos (até ao momento, inventariámos apenas 2 crescentes).
- Os objectos macrolíticos, tais como núcleos, seixos talhados, percutores ou outros, são muito pouco frequentes.

b) Materiais polidos

Neste local detectámos apenas 1 machado polido (em silimanite/fibrolite?), de reduzidas dimensões. Recolhemos igualmente um número muito reduzido de moventes (em grande parte fracturados) e apenas 2 dormentes.

3.2.2.2. Espólio cerâmico

Relativamente às cerâmicas, podemos destacar os seguintes aspectos:

- As cerâmicas são fundamentalmente lisas, embora ocorram também, com alguma frequência, cerâmicas decoradas. Esta decoração corresponde quase sempre a uma combinação entre impressões/incisões horizontais, verticais (ou sub-verticais) e oblíquas, originando decoração em “espinha”. Este motivo forma uma ou mais bandas horizontais que se localizam imediatamente abaixo do bordo da peça. Este último, por vezes, apresenta igualmente pequenas incisões, verticais ou oblíquas, adquirindo um certa denticulação. O puncionamento arrastado, vertical, oblíquo ou horizontal, (isolado ou em combinação com a decoração em “espinha”) é uma outra técnica utilizada na decoração da cerâmica.
- Surgem igualmente fragmentos que revelam pequenos mamilos, aplicados ou repuxados.
- Mais raras são as cerâmicas com engobe, o qual lhes confere uma coloração avermelhada e uma superfície exterior extremamente regular.
- Ocorrem, igualmente, fragmentos cerâmicos com pequenas perfurações laterais, bem como fragmentos de asas de prensão vertical, que pela sua curvatura, não deveriam ser muito proeminentes relativamente à superfície exterior da peça.
- A argila utilizada, de coloração geralmente castanha-amarelada, revela-se bastante homogénea (possui poucos desengordurantes grosseiros) e apresenta uma consistência relativamente elevada (figs. 9, 10 e 11).

3.3. Escavação do sector I

Como referimos anteriormente, foi este o sector que em 1996 chamou a atenção de A. Sá Coixão para a existência, no Prazo, de fases de ocupação anteriores ao período romano. Tais ocupações, testemunhadas pela existência de estruturas e de artefactos pré-históricos, distribuíam-se, segundo aquele arqueólogo, por pelo menos três camadas arqueológicas.

Perante este facto, tivemos como principal objectivo na nossa intervenção de 1997, a caracterização de cada uma dessas camadas, bem como dos materiais que integravam. No entanto, por falta de tempo, apenas pudemos estudar as duas primeiras – camadas 3 e 4. À semelhança do que sucedeu nos outros sectores, também aqui procedemos à realização de uma escavação em área (37m²), a qual se desenvolveu a partir da zona anteriormente sondada por A.N. Sá Coixão.

Por seu turno, em 1998, procurámos alargar a área anteriormente interveniada de modo a podermos determinar o desenvolvimento de algumas estruturas associadas à camada 4 que se estendiam para fora dos 37m² abertos inicialmente. Assim, escavámos mais 31m², dispostos em torno do local estudado em 1997 (fig. 12). Após esta fase do trabalho, avançamos em profundidade, com vista à caracterização dos níveis arqueológicos inferiores.

3.3.1. Estratigrafia e Estruturas

A leitura do corte DD81/DD84 (fig. 13) permitiu a identificação das seguintes camadas arqueológicas⁴:

- Camada 1* – Camada arenosa, compacta, de cor cinzenta clara. No corte DE84/DE81 é visível uma bolsa que corta a camada 2, de coloração acastanhada. Este nível engloba fundamentalmente restos de materiais de construção romanos (argamassas, fragmentos de tegula, etc.).
- Camada 2* – Camada arenosa, compacta, de cor cinzenta. Forneceu o mesmo tipo de materiais que a camada 1.
- Camada 3* – Camada arenosa, de textura fina, compacta, com coloração castanha-amarelada. Forneceu cerâmicas romanas, medievais e materiais pré-históricos (líticos e cerâmicos). A esta camada associa-se uma estrutura pétrea, de um modo geral incaracterística, na qual era visível uma área de combustão com argila cozida e carvões.
- Camada 4* – Camada arenosa, de textura fina, compacta, com uma cor que varia entre o cinzento escuro, nas zonas mais ricas em materiais carbonosos, e o cinzento acastanhado. Dela recolheram-se exclusivamente materiais líticos e cerâmicos pré-históricos, assim como restos orgânicos (carvões, fragmentos de ossos e de dentes de animais). Detectaram-se igualmente várias estruturas, sendo de destacar uma fossa delimitada no topo por um empedrado, quatro estruturas de combustão e lajeados diversos com função indeterminada (fig. 14).
- Camada 4a* – Camada semelhante à camada 4, embora um pouco mais clara e mais compacta. Nela detectaram-se materiais líticos talhados (fundamentalmente esquirolas de quartzo hialino e leitoso), restos orgânicos (carvões e fragmentos de osso), uma fossa e algumas estruturas pétreas. Entre estas últimas é de destacar uma lareira bastante bem preservada em que foi usada uma pequena placa de xisto sobre a qual foi realizada a combustão. Esta placa encontrava-se parcialmente rodeada por blocos de granito de dimensões médias (fig. 15).
- Camada 5* – Camada areno-argilosa de cor castanha escura, bastante saturada de água. Nela encontrou-se uma indústria lítica constituída principalmente por lascas e esquirolas de quartzo leitoso, quartzo hialino e quartzite, restos orgânicos (carvões e fragmentos de osso), um buraco de poste (com grande abundância de carvões no seu interior), uma lareira em fossa e alguns pequenos “lajeados” com função indeterminada. Um deles, localizado em DC DD/83, parece corresponder a uma estrutura de combustão uma vez que os blocos graníticos que o constituem apresentam uma coloração avermelhada e uma certa esfoliação. Esta estrutura, contudo, apenas revelou algumas manchas escuras que englobavam carvões de dimensões reduzidíssimas (fig. 16).
- Camada 6* – Camada muito argilosa de cor castanha-esverdeada. Nas áreas em que procedemos à sua escavação (apenas em alguns pontos muito parcelares) detectámos grandes concentrações de blocos graníticos de dimen-

⁴ No momento da publicação deste artigo detectámos mais dois níveis de ocupação (5a e 6a), que serão descritos oportunamente.

sões médias a grandes. Não nos é ainda possível, no entanto, determinar se têm ou não qualquer tipo de estruturação intencional. Na confluência das quadriculas DF DG/80 81 escavámos uma pequena lareira (aparentemente associada a esta camada) que aflorou em consequência da erosão provocada pelas chuvas. Esta camada só poderá fornecer mais dados após o desenvolvimento dos nossos trabalhos.

3.3.1.1. *Interpretação sintética dos dados*

- a) As camadas arqueológicas 1 e 2 estão inequivocamente relacionadas com a ocupação romana e medieval do Prazo. Os materiais pré-históricos nelas recolhidos advêm de remeximentos do terreno que terão começado, pelo menos, a partir da Antiguidade.
- b) Em relação à camada 3, não nos é ainda possível determinar qual o tipo de ocupação que a ela se associa uma vez que surgem aqui, em conjunto, materiais da época romana e materiais de tipologia pré-histórica. Por outro lado, a estrutura aqui detectada revela-se pouco elucidativa pelo que não é fácil a sua caracterização funcional.
- c) A camada 4, por sua vez, mostra uma ocupação claramente pré-histórica, testemunhada quer pelo tipo de estruturas, quer pelo tipo de artefactos detectados. Pensamos ser possível, desde já, datá-la do Neolítico Antigo em função dos estilos decorativos presentes nas cerâmicas recolhidas.
- d) Relativamente às camadas 4a e 5, dada a inexistência total de cerâmica e de artefactos líticos polidos poder-se-á relacioná-las, em princípio, com uma fase “pré-neolítica”. A datação absoluta obtida na camada 4a parece não pôr de lado esta hipótese.
- e) Quanto à camada 6, somente futuros trabalhos poderão trazer dados mais específicos. Aceitamos, no entanto, a possibilidade da existência de um nível de ocupação a ela associado uma vez que detectámos uma lareira em aparente conexão com este depósito.

3.3.2. *Espólio pré-histórico recolhido*

A detecção neste local de diferentes níveis de ocupação – confirmados quer pela sobreposição estratigráfica de diferentes estruturas, quer pela existência de níveis com cerâmica sobrepostos a camadas sem este tipo de material – implica, desde logo, que o estudo do espólio recolhido seja feito por camada arqueológica de modo a ser possível determinar as suas eventuais modificações numa perspectiva diacrónica. Muito embora este trabalho ainda não tenha sido totalmente realizado, pensamos ser possível salientar algumas diferenças entre os conjuntos artefactuais provenientes de alguns dos referidos níveis de ocupação.

3.3.2.1. *Espólio lítico*

a) *Materiais talhados*

- Camada 3* – Como foi referido, a camada 3 do sector I revela claros indícios de remeximentos, relacionados com as ocupações romana e medieval do Prazo. Deste modo, preferimos não adiantar, por enquanto, quaisquer dados relativamente aos materiais líticos talhados daqui exumados sem que eles sejam sujeitos a um estudo tecno-tipológico pormenorizado.
- Camada 4* – De um modo geral, os materiais talhados provenientes desta camada assemelham-se aos da camada 3 do sector VII, acima descritos. Há contudo alguns aspectos mais particulares que importa referir:
- Apesar do claro predomínio do quartzo hialino (em cristal ou amorfo) e do quartzo leitoso como matérias-primas utilizadas nesta indústria, constata-se uma ocorrência mais frequente do sílex e da sílica opalina.
 - São igualmente algo frequentes cristais de quartzo (geralmente hialino) de reduzidas dimensões, com ou sem vestígios de talhe, que correspondem aos núcleos utilizados na produção de pequenas lamelas e de pequenas lascas.
 - As lâminas e lamelas em sílex surgem em maior número.
 - Foram exumados pelo menos dois micrólitos geométricos (crescentes), igualmente em sílex.
 - Os objectos macrolíticos, tais como núcleos, percutores e outros utensílios diversos (por exemplo, raspadores), são aqui mais abundantes.
- Camada 4a* – Os objectos líticos foram talhados a partir de quartzo hialino (em cristal ou amorfo), quartzo leitoso, quartzite e outras rochas siliciosas (ausência de sílex).
- Verifica-se um claro predomínio dos produtos de talhe (esquírolas, pequenas lascas, etc.) face a objectos com características tipológicas bem definidas (lâminas, lamelas, raspadeiras, etc.).
 - Trata-se de uma indústria predominantemente de tipo microlítico (aparentemente sem geométricos), que revela afinidades com a detectada na camada 4.
- Camada 5* – Nesta camada, os artefactos líticos foram talhados principalmente a partir de formas amorfas de quartzo leitoso (quartzo filoniano) e de seixos de quartzite. Esta última rocha, aliás, parece ter sido utilizada significativamente na produção desta indústria, facto que lhe confere, à primeira vista, uma certa diferenciação relativamente ao espólio talhado proveniente das camadas 4 e 4a.
- Existem igualmente elementos de dimensões mais reduzidas produzidos a partir de quartzo hialino (em cristal ou amorfo) e de outras rochas siliciosas (ausência de sílex).
 - Verifica-se uma clara preponderância dos produtos de talhe (sobre tudo lascas) face a objectos acabados.
- Camada 6* – Não nos é ainda possível caracterizar a indústria associada a esta camada.

b) Materiais polidos

A única camada que forneceu materiais líticos polidos foi a 4. Tratam-se de dois machados, um em anfibolito, outro em xisto (encontrando-se este último fracturado provavelmente devido à sua utilização), e um seixo ovalado em xisto com vestígios de polimento intencional numa das arestas laterais. Foram ainda recolhidos vários moventes (muitos deles fracturados) e apenas um dormente de pequenas dimensões (igualmente fracturado).

3.3.2.2. Espólio cerâmico

As cerâmicas deste sector associam-se exclusivamente às camadas 3 e 4, e apresentam as mesmas características das recolhidas na camada 3 do sector VII. O seu estado de conservação é contudo pior, dado o elevado grau de humidade do terreno nesta área.

3.3.3. Material osteológico⁵

Muito embora nos tenha sido possível recolher neste sector uma quantidade significativa de restos faunísticos, ao nível das diferentes camadas arqueológicas, o seu estado extremamente fragmentário impediu a sua classificação segura. Assim, apenas dispomos de alguns dados muito parcelares, sobretudo relacionados com a camada 4. São eles:

- Pelas suas dimensões, parte das esquirolas de osso, poderão pertencer a mamíferos de médio porte, tais como cabra e ovelha (?).
- A existência de javali (*Sus scrofa*) é sugerida pela presença de um terceiro molar superior⁶ atribuível a esta espécie.
- Presença de cervídeo testemunhada por um fragmento de muralha dentária (esmalte), que poderá ser de veado (*Cervus elaphus* ?).
- Presença generalizada de coelho (*Oryctolagus cuniculus*).

De salientar ainda que quase todos os fragmentos ósseos revelam acentuadas marcas de fogo, as quais estarão relacionadas com a projecção dos restos alimentares para o interior das estruturas de combustão, adjacentes aos locais de consumo⁷.

⁵ O estudo osteológico foi realizado pelo Prof. Doutor João Luís Cardoso da Universidade Aberta, a quem desde já agradecemos.

⁶ Segundo o Prof. Doutor João Luís Cardoso (informação pessoal), este molar poderá ser tanto de porco como de javali, uma vez que as suas dimensões são compatíveis com ambas as espécies. A obtenção do índice de robustez, que poderia ajudar à diferenciação pretendida, não é viável atendendo a que o comprimento máximo do dente se desconhece em virtude da fractura ao nível do terceiro lobo distal. Contudo, a assinalável complexidade do conjunto de cúspides, o seu desenvolvimento e tamanho sugerem, com reservas, *Sus scrofa*.

⁷ Ainda de acordo com o Prof. Doutor João Luís Cardoso (informação pessoal), as marcas de fogo nos restos osteológicos são confirmadas pelo padrão da sua fracturação, por estalamento, devido a dissecação, bem como pela sua coloração cinzento-esbranquiçado, no limite cinzento-azulado. A hipótese de marcas de fogo devido a churrasco é de rejeitar visto que, neste caso, tais marcas seriam mais circunscritas e menos intensas do que aquelas que se de-

4. DATAÇÕES

Quadro 1 – Datações de radiocarbono obtidas na Estação Neolítica do Prazo

Amostra	Cam./Sector	Ref. Lab.	Idade BP	Idade cal 2 sigma	Material datado	Prove. da amostra
PRZ-97-1	Camada 4, sector I	CSIC-1420	1431± 30	568-666 AD	Carvão vegetal	Estrut. de combustão
PRZ-97-4	Camada 3, sector I	CSIC-1421	2153± 27	353-64 AC	Carvão vegetal	Estrut. de combustão
PRZ-97-2	Camada 4a, sector I	CSIC-1514	7353± 50	6351-6020 AC	Carvão vegetal	Concentração de carvões
PRZ-97-5	Camada 3, sector VII	CSIC-1422	6502± 34	5475-5330 AC	Carvão vegetal	Carvões dispersos por c. de 1m²
PRZ-97-3	Camada 4, sector I	CSIC-1515	4730± 43	3632-3373 AC	Carvão vegetal	Concentração de carvões

Quadro 2 – Datações de radiocarbono para estações do Neolítico Inicial das regiões de Trás-os-Montes e Alto Douro e Douro Litoral

Estação Arqueológica	Idade BP	Idade cal 2 sigma AC
Fraga d'Aia (base C.3)	8600± 80	7890-7490
Fraga d'Aia (base C.3)	8600± 60	7860-7500
Fraga d'Aia (base C.3)	8190± 90	7470-6820
Fraga d'Aia	6490± 60	5560-5280
Fraga d'Aia	6290± 50	5320-5080
Fraga d'Aia	5750± 70	4780-4460
Fraga d'Aia	5690± 70	4720-4360
Fraga d'Aia	4710± 80	3650-3340
Lavra I EC 2 (base)	6310± 160	5570-4850
Lavra I EC 2 (2ª utiliz.)	5990± 140	5230-4530
Lavra I EC 3 (base)	5870± 140	5070-4400
Lavra I EC 3 (base)	5830± 90	4910-4470
Lavra I EC 3 (2ª utiliz.)	6060± 60	5200-4800
Lavra I EC 4 (base)	6350± 120	5480-5000
Buraco da Pala IV-I	5860± 30	4830-4697
Buraco da Pala IV-I	5840± 140	5193-4367
Buraco da Pala IV-II	4940± 160	4112-3378
Buraco da Pala IV-II	4730± 160	3888-3042

tectaram. A não ser aceite a hipótese da projecção dos restos alimentares para o interior daslareiras, teria de se admitir que as alterações provocadas pelo fogo sobre os restos faunísticos resultariam de incêndios que teriam afectado toda a área do sector escavado, e que teriam ocorrido em praticamente todos os níveis de ocupação.

Antes de qualquer outro comentário, importa sublinhar que as considerações que se seguem não são mais do que meras hipóteses, já que o número de datações absolutas obtidas para o Prazo pré-histórico é ainda extremamente reduzido.

Excluindo as duas primeiras datas (v. quadro 1), provavelmente relacionadas com as ocupações “recentes” desta estação, verifica-se que na camada 4a do sector I foi obtida uma datação que pode ser colocada na segunda metade do VII.^o milénio cal AC. Tal datação⁸, conjugada com o facto da inexistência tanto de cerâmica como de materiais líticos polidos neste nível de ocupação, poderá remetê-lo para o mesolítico(?). Assim sendo, e tendo em conta as datações da base da camada 3 da Fraga d'Aia (Paredes da Beira – S. João da Pesqueira)⁹ (v. quadro 2), poder-se-á começar a levantar a hipótese da existência de um *mesolítico interior*, pelo menos na região do Alto Douro português.

No que respeita à datação obtida na camada 3 do sector VII – segunda metade do VI.^o milénio cal AC – ela parece remeter a respectiva ocupação para o denominado *Neolítico Inicial de Trás-os-Montes e Alto Douro* (SANCHES, 1997). Efectivamente, a referida data, bem como outros elementos da cultura material (nomeadamente, os estilos decorativos das cerâmicas), encontram paralelos em algumas estações, de um modo geral, consideradas como representativas desta fase da pré-história: Fraga d'Aia (camada 3) (JORGE *et alii*, 1988a; JORGE, 1991, SANCHES, 1997), Lavra I (SANCHES, 1988; *idem*, 1997) e Buraco da Pala IV-I (SANCHES, 1997).

Já a terceira datação, proveniente da camada 4 do sector I, compreende um intervalo de tempo que se localiza globalmente entre o terceiro e o segundo quartel do IV.^o milénio cal AC. Apesar desta data ser bastante mais recente do que as fornecidas pelas estações acima citadas, incluindo a datação da camada 3 do sector VII do Prazo, pensamos ser possível colocar este nível de ocupação igualmente no Neolítico Inicial, já que o espólio a ele associado, e em particular o tipo de decoração da cerâmica (“cerâmicas incisadas”), não difere do exumado nos outros locais referidos (sublinhe-se, uma vez mais, a grande semelhança entre os padrões decorativos das cerâmicas da camada 3 do sector VII e os da camada 4 do sector I). Em todo o caso, o verdadeiro significado desta datação só poderá ser aferido após a obtenção de uma série de datas mais extensa para a camada 4 do sector I¹⁰.

No que diz respeito às camadas 5 e 6 deste último sector, para as quais não dispomos ainda de datações absolutas, apenas podemos adiantar que se tratam de níveis que poderão datar de um momento anterior ao VII.^o milénio cal AC, uma vez que, estratigraficamente, encontram-se por baixo da camada 4a do sector I.

⁸ A data de 7353±50 BP (6351-6020 cal 2 sigma AC) encontra vários paralelos em contextos mesolíticos do Noroeste Peninsular, como por exemplo, na região Cantábrica (FANO MARTÍNEZ, 1998) e na Galiza (LLANA RODRÍGUEZ, 1993; RAMIL REGO, 1997).

⁹ Estas datações, aparentemente, remetem para o VIII.^o milénio AC o início da ocupação do abrigo (JORGE, 1991).

¹⁰ A obtenção de mais datações absolutas, quer no sector VII quer no sector I, permitirá, certamente, encontrar no Prazo momentos de ocupação posicionáveis cronologicamente entre a segunda metade do VI.^o e os meados do IV.^o milénios cal AC.

5. ALGUMAS CONSIDERAÇÕES FINAIS

De acordo com os dados que dispomos, parece poder afirmar-se, com alguma segurança, que a ocupação do Prazo se iniciou numa fase *pré-cerâmica* (provavelmente mesolítica?) dada a existência neste local de níveis de ocupação sem este tipo de material, sem objectos de pedra polida e com uma indústria lítica de tipo microlítico. A datação C14 obtida a partir de carvões retirados da camada 4a do sector I parece, efectivamente, corroborar esta hipótese.

Não obstante o longo intervalo de tempo que separa a ocupação associada a esta última camada face às ocupações com cerâmica (ocupações da camada 4 do sector I e da camada 3 do sector VII), parecem existir elementos que apontam no sentido de uma certa *continuidade* entre estes diferentes níveis. São eles:

- Continuidade estratigráfica entre as camadas 4a e 4 do sector I;
- Semelhanças ao nível da estruturação do espaço, claramente visíveis se se tiver em conta a localização das fossas e das estruturas de combustão dos níveis 4a e 4, as quais se encontram praticamente sobrepostas.
- Presença generalizada de uma indústria microlítica (predominantemente não geométrica), obtida a partir do talhe de cristal de quartzo (sobretudo hialino)¹¹.

Quanto aos aspectos sócio-económicos relativos a estas ocupações mais antigas, não nos é ainda possível adiantar quaisquer dados precisos, principalmente pelo facto de não ter sido viável a classificação dos restos faunísticos recolhidos, nem terem sido realizados ainda estudos de antracologia e carpologia. Todavia, tendo em conta o tipo de espólio arqueológico exumado, a “simplicidade” das estruturas e a reduzida dimensão da área abrangida pelas ocupações anteriores à camada 4 do sector I, podemos supor que, nesta fase, o Prazo terá sido “visitado” por pequenos grupos humanos que praticavam a caça e a recolha, armazenando alguns dos produtos obtidos em estruturas do tipo fossa¹².

O estudo mais aprofundado destas comunidades, através da análise pormenorizada dos seus vestígios materiais, revela-se, sem dúvida, da máxima importância uma vez que pode vir a permitir o conhecimento do *substrato cultural das regiões do interior sobre o qual incidiu o início do processo de neolitização*.

Em relação às ocupações neolíticas, testemunhadas pelas camadas 4 do sector I e 3 do sector VII, parece ser possível, tal como referimos anteriormente, relacioná-las com o *Neolítico Inicial de Trás-os-Montes e Alto Douro* (SANCHES, 1997) – quer em função do espólio arqueológico exumado, quer em função de pelo menos uma datação absoluta.

Relativamente ao espólio arqueológico, destaca-se a cerâmica cuja decoração encontra paralelos em diversas estações do Norte e Centro-norte de Portugal, igualmente atribuídas a este período: Buraco da Pala IV (SANCHES, 1997; *idem*, s/d), Lavra I (SANCHES, 1988; *idem*, 1997; *idem*, s/d), Fraga d'Aia (JORGE *et alii*, 1988;

¹¹ A cadeia-operatória subjacente à indústria em questão parece encontrar afinidades com a descrita em RAMIL SONEIRA *et alii*, (dl 1997).

¹² À semelhança da fossa associada à camada 4 (neolítica), também a da 4a se encontrava colmatada por sedimentos que não continham qualquer elemento orgânico. Torna-se impossível, deste modo, determinar quais os produtos nelas armazenados.

idem, 1988a; SANCHES, 1997; *idem*, s/d), Penedo da Penha 1, Buraco da Moura de São Romão (VALERA, 1998)¹³, e ainda em alguns contextos “pré-megalíticos” da Serra da Aboboreira¹⁴ (JORGE, S.O., 1980; *idem*, 1980a; JORGE, 1984; *idem*, 1985; JORGE *et alii*, 1987; *idem*, 1987a; *idem*, 1988b; SANCHES, 1997).

As estações de Quebradas e Quinta da Torrinha, no Vale do Côa (geograficamente muito próximas da área onde incidem os nossos trabalhos), revelaram igualmente cerâmicas com organizações decorativas integráveis neste universo estilístico, sendo de destacar a presença do punção arrastado e de incisões em espinha, padrões muito frequentes no sítio do Prazo (AUBRY *et alii*, 1998; VVAA, 1997).

Estes paralelos podem igualmente estender-se à Galiza, onde também estas cerâmicas parecem surgir, aparentemente, em contextos pré-megalíticos – por exemplo, no abrigo 1 de A Cunchosa, em Rieiro, Pena Martiña e Regueiriño (RODRÍGUEZ CASAL, 1997; SOÁREZ OTERO, 1997).

À semelhança do que sucede na maior parte locais datados do Neolítico Inicial, também no Prazo os indicadores de índole sócio-económica parecem ser extremamente exíguos. De facto, para além dos indicadores “clássicos” da prática da agricultura¹⁵ (cerâmica, utensílios de pedra polida, moinhos manuais e micrólitos geométricos) – cuja validade para demonstrar tal prática económica tem vindo cada vez mais a ser posta em questão (JORGE, S.O., 1999) – apenas dispomos de alguns dados osteológicos que sugerem o pastoreio (presença de cabra/ovelha?) e a caça (presença de javali, veado (?) e coelho). Infelizmente, a ausência de materiais orgânicos no interior da fossa associada à camada 4 do sector I, impossibilita a determinação dos produtos que nela seriam conservados.

Esta situação pode, efectivamente, levar-nos a colocar duas questões: serão raros nesta fase os vestígios da actividade produtora apenas por aspectos ligados à conservação dos restos carpológicos e antracológicos (i.e. devido a fenómenos pós-deposicionais), ou estará a sua ausência (ou diminuta presença) relacionada com a pouca importância que a agricultura teve como fonte de recursos alimentares? Em função de estudos arqueológicos mais recentes, muitas vezes conjugados com elementos da Antropologia, tem-se vindo a optar, de um modo geral, pela segunda hipótese, sugerindo-se para este período a existência de comunidades com baixa densidade demográfica que praticavam uma agricultura muito rudimentar em pequenas clareiras. Estas últimas, inseridas em paisagens mais ou menos arborizadas, seriam provavelmente abertas com o recurso à queimada e ao eventual abate de árvores. Esta agricultura estaria assim marcada por uma fraca rentabilidade, o que

¹³ SANCHES e VALERA relacionam esta decoração com a denominada *Cultura de las Cuevas* da região Andaluza.

¹⁴ Referimo-nos aos paleossolos detectados sob várias mamoa, nomeadamente, Mina do Simão, Furnas 2 e Chã de Santinhos 2, e a um nível anterior ao Calcolítico/Bronze do Tapado da Caldeira (JORGE, S.O., 1980; *idem*, 1980a), com os quais foi possível relacionar espólio cerâmico desta tradição cultural. Nesta última estação, segundo a mesma investigadora, surgiram ainda alguns micrólitos geométricos.

¹⁵ Os estudos de carpológia e antracologia não foram ainda realizados. Em todo o caso, em função das observações e registos que fomos fazendo no decurso das escavações, pensamos que a quantidade de sementes recolhidas é extremamente reduzida. De facto, mesmo peeneirando sistematicamente as terras, raramente encontramos este tipo de material.

teria implicado o desenvolvimento/manutenção de outras estratégias de subsistência complementares (ou mesmo principais), tais como a caça, a recolha e, eventualmente, a criação de gado/pastoreio (FÁBREGAS VALCARCE *et alii*, 1997)¹⁶.

Este padrão económico baseado no aproveitamento intensivo dos recursos disponíveis (geralmente denominado *economia de amplo espectro*), pressupõe uma certa *itinerância das populações* dentro de um território de exploração. De acordo com vários autores (por exemplo, BINFORD, 1983; *idem*, 1988; TESTART, 1982), essa itinerância ou *mobilidade residencial* pode reflectir-se tanto na sua cultura material (composta sobretudo por objectos “descartáveis” ou facilmente transportáveis), como também nas características dos seus habitats, os quais, de um modo geral, integram construções com um carácter “precário”.

Ora, analisando, por exemplo, as estruturas da camada 4 do sector I do Prazo (uma vez que estas são praticamente inexistentes na camada 3 do sector VII), verifica-se que elas se resumem a algumas lareiras, a “empedrados” e a uma única fossa. A sua disposição mais ou menos periférica a grandes afloramentos graníticos leva a supor que eles terão sido usados como ponto de apoio de outras estruturas, provavelmente de madeira, as quais definiriam abrigos ou cabanas. Perante tal simplicidade patente nestes elementos, e tendo em linha de conta o que referimos no parágrafo anterior, parece ser óbvio estarmos longe de um habitat de carácter sedentário, no sentido tradicional do termo. Pelo contrário, este nível de ocupação do Prazo parece antes revelar um acampamento temporário, provavelmente relacionado com a prática de actividades sazonais, no âmbito de uma estratégia de exploração territorial mais alargada.

Voltando à questão da subsistência durante o Neolítico Inicial, e analisando concretamente a região do Noroeste Peninsular, não parece ser possível comprovar com segurança a existência de uma actividade agro-pastoril plenamente desenvolvida e difundida entre os meados do VI.^º e os meados do V.^º milénio cal AC.

Se é verdade que tal actividade está bem documentada no nível IV do Buraco da Pala, onde foram detectados restos de cereais, esta situação parece, contudo, constituir uma excepção no quadro geral das estações desta fase, uma vez que nenhuma delas forneceu de forma inequívoca indicadores directos da prática da agricultura e da criação de gado (em relação a esta última actividade, refira-se, por exemplo, que os restos de ovídeos exumados na Fraga d'Aia têm uma proveniência estratigráfica pouco clara; no Prazo, a presença de cabra e ovelha é sugerida unicamente em função das dimensões de alguns dos restos osteológicos encontrados...).

Por outro lado, e em relação a Portugal, os estudos de Antracologia, que possibilitariam tirar ilações relativamente às pressões do Homem sobre o meio, são ainda muito reduzidos e localizados, não permitindo uma visão de conjunto ao nível das transformações paisagísticas para o período em questão.

Como refere M. de J. Sanches (1997), baseada em trabalhos realizados na Serra da Freita (CORDEIRO, 1990), a desflorestação de origem antrópica nesta região – provavelmente relacionada com o aparecimento da actividade agro-pastoril –

¹⁶ Ainda sobre esta problemática, e a propósito da Galiza, RODRÍGUEZ CASAL (1997, p. 450) refere que abrigos como *A Conchosa* ou *xacementos ó ar libre* como *O Regueiriño* e *Fontela* – por que non coetâneos dos monumentos tumulares – *suxirem a existencia de pequenas comunidades agrícolas itinerantes, cunha recolección e unha agricultura pouco desenvolvida*.

parece ter ocorrido já em pleno V.^o milénio cal AC, coincidindo com o aparecimento dos primeiros monumentos megalíticos da área. Por outro lado, esta desflorestação está relacionada com o aumento de pólenes não arbóreos, não tendo sido detectados pólenes de cereais. Na Serra da Aboboreira, o estudo dos carvões provenientes de paleossolos enterrados sob *tumuli*, não permite determinar se aqueles resultaram de queimadas pontuais unicamente relacionadas com a construção dos dólmenes ou se estariam relacionados com queimadas mais abrangentes com vista à abertura de clareiras para a prática da agricultura. Mesmo que fosse possível comprovar esta última hipótese, as datas de C14 colocariam este processo de desflorestação nos finais do V.^o / inícios do IV.^o milénio cal AC. Na região de Trás-os-Montes e Alto Douro, os dados antracológicos obtidos a partir dos carvões recolhidos no Buraco da Pala, indicam uma deterioração da paisagem arbórea¹⁷ que terá começado pelo menos a partir dos finais do VI.^o / inícios do V.^o milénio cal AC. “Todavia, essa degradação, decorrente em princípio de fogos repetidos, parece começar a fazer sentir-se mais a partir da ocupação do nível III” – i.e. a partir do IV.^o milénio cal AC (SANCHES, 1997, p. 148). Também do IV.^o milénio cal AC data o fenómeno de desflorestação detectado no paleossolo da mamoa de Madorras 1 (Sabrosa) (GONÇALVES, *et alii*, 1994, *cit.* in SANCHES, 1997; FIGUEIRAL, 1994).

Na Galiza, onde praticamente não existem macrorrestos vegetais em estações arqueológicas do Neolítico Antigo, o início da actividade produtora é inferido quase exclusivamente a partir de diagramas polínicos. Efectivamente, estes últimos revelam uma certa regressão da cobertura arbórea entre os finais do VI.^o e os inícios do IV.^o milénio AC, provavelmente decorrente de um aumento da pressão humana sobre o meio ambiente (RAMIL REGO, 1993). Contudo, tal como refere Fábregas Valcarce, “esta pressão – em termos quantitativos – não deixa de ser muito localizada e as análises polínicas disponíveis não detectam uma desflorestação claramente superior à já observada em fases tardias do epipaleolítico” (FÁBREGAS VALCARCE *et alii*, 1996, p. 192) – esta última, certamente relacionada com a actividade cinegética (FÁBREGAS VALCARCE *et alii*, 1997). A presença evidente de pólenes de cereal, nomeadamente em turfeiras da Serra do Xistral e em estações como Tremoal de Montes de Buio e A Fontenla, ocorre apenas a partir de cerca de 5500 BP (*ie.* meados do IV.^o milénio AC) (FÁBREGAS VALCARCE *et alii*, 1997).

No que diz respeito à criação de gado, também a escassez de dados osteológicos na região da Galiza não permite confirmar, de forma directa, a prática desta actividade. Em Lião, na Cueva de la Uña e nas Astúrias, em Los Canes, foi confirmada a presença de ovicaprídeos em níveis atribuídos ao Neolítico Antigo, os quais, contudo, não possuem ainda datações absolutas. No País Basco, o cão é o único animal doméstico identificado em estações atribuídas a esta fase. Importa ainda sublinhar que em todas estas regiões a fauna selvagem surge com uma frequência claramente superior à da fauna doméstica. O aumento desta última apenas ocorre de forma evidente em contextos mais tardios, já atribuíveis ao Neolítico final / inícios do Calcolítico (FÁBREGAS VALCARCE *et alii*, 1997).

¹⁷ Esta deterioração está testemunhada pelo aparecimento mais frequente de carvões de urze, de medronheiro e de leguminosas (SANCHES, 1997).

Antes de terminar, pensamos ser importante tecer algumas breves considerações acerca da *não validade* de alguns elementos da cultura material (tais como a cerâmica, os utensílios de pedra polida, os moinhos manuais e os micrólitos geométricos) enquanto indicadores da actividade agro-pastoril no Neolítico Antigo.

Como é sabido, estes elementos constituem parte de um todo a que normalmente se chama *Pacote Neolítico*. Este pacote, na sua forma mais completa, integra, para além dos objectos acima referidos, os cereais e os animais domésticos e todo um conjunto de elementos relacionados com um modo de vida sedentário (ou semi-sedentário): habitats com estruturas mais “duradoiras”, monumentos funerários/marcadores territoriais, etc. Ora, como também é sabido, são raros os contextos arqueológicos em que o Pacote Neolítico surge completo. Ou seja, quase sempre deparamo-nos apenas com elementos parcelares desse Pacote, e não com a sua totalidade.

Segundo S. Oliveira Jorge (1999), num importante trabalho de síntese sobre a Pré-história Recente do território português, a fragmentação do Pacote Neolítico poderá ser vista como o resultado de um processo de selecção das denominadas “inovações neolíticas” por parte de sociedades com uma economia baseada na caça e na recollecção. Nessas sociedades, tais “inovações” (por exemplo, a cerâmica, a pedra polida ou até mesmo os cereais e os animais domésticos), poderiam mesmo adquirir uma dimensão mais do domínio simbólico (prestigiantes pela sua raridade) do que propriamente do domínio tecno-económico.

Por outro lado, este processo selectivo, segundo a mesma autora, poderá ter sido responsável pelo aparecimento irregular – quer no tempo, quer no espaço – da economia de produção. Ou seja, a aceitação desta “novidade neolítica”, trazida do exterior através “de um complexo cruzamento de contactos intergrupais, que dispõem grandes movimentações populacionais” (JORGE, S.O., 1999, p. 41), terá variado de comunidade para comunidade. Nesta medida, torna-se perfeitamente legítimo aceitar a existência de sítios arqueológicos onde desde muito cedo se adoptou a agricultura e a criação de gado (por exemplo, o Buraco da Pala), a par de outros locais onde a prática da caça e da recollecção continuou a ser a actividade de subsistência mais importante – em certos casos, até fases relativamente avançadas do Neolítico.

BIBLIOGRAFIA

- ARIAS CABAL, P. (1994), El Neolítico de la Region Cantábrica. Nuevas perspectivas, “Actas do 1.^o Congresso de Arqueologia Peninsular”, III, *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, vol. 34, 1-2, SPAE, Porto.
- AUBRY, T. *et alii* (1998), O povoamento pré-histórico no Vale do Côa – Síntese dos trabalhos do P.A.V.C. (1995-1997), *Côavisão. Cultura e Ciência*, 0, Câmara Municipal de V.N. de Foz Côa.
- BINFORD, L. (1983), *Working at Archaeology*, Academic Press, NY.
- BINFORD, L. (1988), *En Busca del Pasado*, Ed. Critica, Barcelona.
- COIXÃO, A.N. SÁ (1996), Relatório de Escavações Arqueológicas no Sítio do Prazo, apresentado ao IPPAR (cedido pelo autor).
- COIXÃO, A.N. SÁ (1996), *Carta Arqueológica do Concelho de Vila Nova de Foz Côa*, Câmara Municipal de V.N. de Foz Côa.

- CORDEIRO, A.M.R. (1990), Paleo-ambientes holocénicos e erosão: interface clima, vegetação, homem. O exemplo do Centro-litoral português, *Cadernos de Geografia*, 9, IEG.
- DIEZ CASTILLO, A. *et alii* (1995), La Neolitización en las Comarcas de Liébana y Polaciones (Cantabria): Implicaciones Socio-económicas, "Actas do 1.º Congresso de Arqueologia Peninsular", VI, *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, vol. 35, 2, SPAE, Porto.
- FÁBREGAS VALCARCE, R. *et alii* (1996), El Noroeste de la Península Ibérica en el III y II Milenios: Propuestas para una síntesis, *Sagvmtvm (Plav)*, 30.
- FÁBREGAS VALCARCE, R. *et alii* (1997), La adopción de la Economía Productora en el Noroeste Ibérico, Actas do Colóquio "O Neolítico Atlântico e as Orixes do Megalitismo", A.A. Rodríguez Casal (Ed.), Santiago de Compostela.
- FANO MARTÍNEZ, M.A. (1998), *El Habitat Mesolítico en el Cantábrico Occidental. Transformaciones Ambientales y Medio Físico durante el Holoceno Antiguo*, BAR International Series, 732, Oxford.
- FIGUEIRAL, I. (1994), A Antracologia em Portugal: progressos e perspectivas, "Actas do 1.º Congresso de Arqueologia Peninsular", IV, *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, vol. 34, 3-4, SPAE, Porto.
- GONÇALVES, A.A.H.B., *et alii* (1994), Resultados dos trabalhos de escavação da mamoa 1 das Madorras (S. Lourenço de Ribapinhão, Sabrosa, Vila Real), Actas do Seminário "Megalitismo no Centro de Portugal", (Mangualde, Novembro de 1992), Centro de Estudos Arqueológicos da Beira Alta.
- JORGE, S.O. (1980), A necrópole do Tapado da Caldeira – Baião, *Arqueologia*, 2, GEAP, Porto.
- JORGE, S.O. (1980a), A estação arqueológica do Tapado da Caldeira – Baião, *Portugalia*, Nova Série, I, Porto.
- JORGE, S.O. (1990), Dos últimos caçadores-recolectores aos primeiros produtores de alimentos, *Portugal: das Origens à Romanização*, Nova História de Portugal, 1, Jorge de Alarcão (Coord.), Joel Serrão, A.H. de Oliveira Marques (Dir.), Ed. Presença.
- JORGE, S.O. (1998), Later prehistoric monuments: some remarks, *Journal of Iberian Archaeology*, 0, ADECAP, Porto.
- JORGE, S.O. (1999), *Domesticar a Terra. As Primeiras Comunidades Agrárias em Território Português*, Gradiva, col. Trajectos, 45.
- JORGE, V.O. (1984), Escavação da mamoa da Mina do Simão (Serra da Aboboreira – Amarante), *Arqueologia*, 9, GEAP, Porto.
- JORGE, V.O. (1985), Les tumulus de Chã de Santinhos (Ensemble mégalithique de Serra da Aboboreira, Nord du Portugal), *Arqueologia*, 12, GEAP, Porto.
- JORGE, V.O. (1985a), Novas datações de radiocarbono para mamoa do concelho de Baião, *Arqueologia*, 11, GEAP, Porto.
- JORGE, V.O. (1991), Novos dados sobre a Fraga d'Aia (Paredes da Beira – S. João da Pesqueira), *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, vol. 31, 1-4, SPAE, Porto.
- JORGE, V.O. (1993), Novas datas de C14 para estações pré-históricas do Norte de Portugal, *Revista da Faculdade de Letras-História*, 2.ª série, 10, Faculdade de Letras da U.P., Porto.
- JORGE, V.O. *et alii*, (1987), Datas de Carbono 14 para a mamoa da Mina do Si-

- mão (Serra da Aboboreira, Norte de Portugal), *Arqueologia*, 15, GEAP, Porto.
- JORGE, V.O. *et alii*, (1987a), As mamoa de Furnas (Serra da Aboboreira I), *Arqueologia*, 16, GEAP, Porto.
- JORGE, V.O. *et alii*, (1988), O abrigo com pinturas rupestres da Fraga d'Aia (Paredes da Beira – S. João da Pesqueira) – Notícia preliminar, *Arqueologia*, 18, GEAP, Porto.
- JORGE, V.O. *et alii*, (1988a), A Fraga d'Aia (Paredes da Beira – S. João da Pesqueira) – Arte rupestre e ocupação pré-histórica, *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, vol. 28, 1-2, SPAE, Porto.
- JORGE, V.O. *et alii*, (1988b), Novas datas de Carbono 14 para mamoa da Serra da Aboboreira, *Arqueologia*, 18, GEAP, Porto.
- LLANA RODRIGUES, C. (1993), La Presencia de los Cazadores-Recolectores en las Montañas de Galicia, *La Evolución del Paisaje en las Montañas del Entorno de los Caminos Jacobeos. Cambios Ambientales y Actividad Humana*, A. Pérez Alberti, L. Guitián Rivera, P. Ramil Rego (Eds.), Xunta de Galicia.
- MONTEIRO-RODRIGUES, S. (1997), Novas Perspectivas sobre Sociedades de Caçadores-Recolectores. Revisão Crítica de "Man the Hunter", *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, vol. 37, 3-4, SPAE, Porto.
- RAMIL REGO, E. (1997), La Transición del Paleolítico Superior al Neolítico en las sierras septentrionales de Galicia. Una aproximación preliminar, *II Congreso de Arqueología Peninsular*, Tomo I, Fundación Rei Afonso Henriques, Zamora.
- RAMIL REGO, P. (1993), Evolución climática e história da vegetación durante el Pleistoceno Superior y el Holoceno en las regiones montañosas del Noroeste Ibérico, *La Evolución del Paisaje en las Montañas del Entorno de los Caminos Jacobeos. Cambios Ambientales y Actividad Humana*, A. Pérez Alberti, L. Guitián Rivera, P. Ramil Rego (Eds.), Xunta de Galicia.
- RAMIL SONEIRA *et alii* (dl 1997), La Talla del Cristal de Roca: una Primera Aproximación Experimental, *Lancia*, 2, Universidade de León.
- RODRÍGUEZ CASAL, A.A. (1997), Neolitización e Megalitismo en Galicia, Actas do Colóquio *O Neolítico Atlântico e as Orixes do Megalitismo*, A.A. Rodríguez Casal (Ed.), Santiago de Compostela.
- SANCHES, M. de J. (1988), O Povoado da Lavra (Marco de Canaveses), *Arqueologia*, 17, GEAP, Porto.
- SANCHES, M. de J. (1997), *Pré-História Recente de Trás-os-Montes e Alto Douro. O Abrigo do Buraco da Pala (Mirandela) no Contexto Regional* (2 vols.), Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia, Porto.
- SANCHES, M. de J. (s/d), *Ocupação Pré-histórica do Nordeste de Portugal*, serie Monografias y Estudios, Fundación Rei Afonso Henriques, (s/l).
- SANCHES, M. de J. (no prelo), A arqueologia e o meio natural: o caso da implantação do sistema agro-pastoril em Trás-os-Montes e Alto Douro, *Arqueologia*, 24, GEAP, Porto.
- SUÁREZ OTERO, J. (1997), Del yacimiento de A Cunchosa al Neolítico en Galicia. Primera aproximación al contexto cultural de la aparición del Megalitismo en Galicia, Actas do Colóquio *O Neolítico Atlântico e as Orixes do Megalitismo*, A.A. Rodríguez Casal (Ed.), Santiago de Compostela.

- TESTART, A. (1982), *Les Chasseurs-Cueilleurs ou l'Origine des Inégalités*, Memoires de la Societé d'Ethnographie, XXVI, Paris.
- VALERA, A.C. (1998), A neolitização da bacia inferior do Mondego, Actas do Colóquio *A Pré-história na Beira Interior*, Centro de Estudos Pré-históricos da Beira Alta, 6, Viseu.
- VICENT GARCIA, J.M. (1997), The Island Filter Model Revisited, in *Encounters and Transformations. The Archaeology of Iberia in Transition*, Miriam S. Balmuth, Antonio Gilman and Lourdes Prados-Torreira (Eds), Sheffield Academic Press.
- VVAA (1997), *Arte Rupestre e Pré-história do Vale do Côa. Trabalhos de 1995-1996*, João Zilhão (Coord.), Ministério da Cultura.

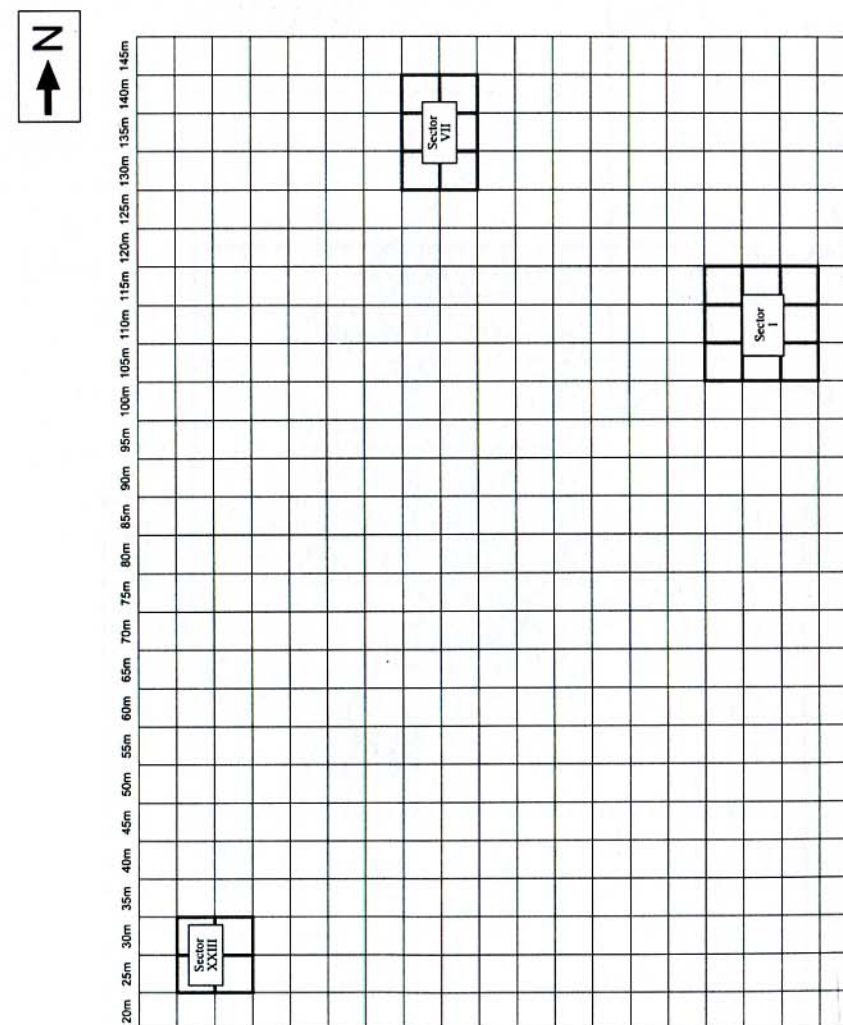
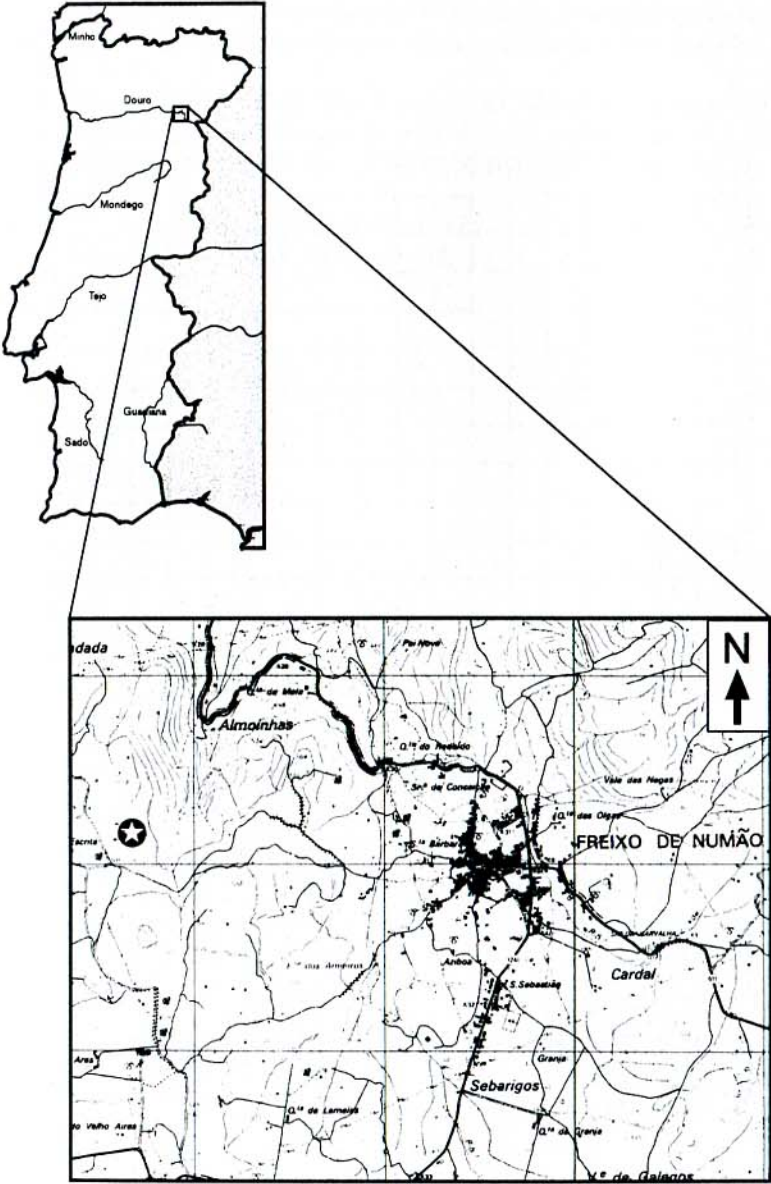


Fig. 1 – Implantação das áreas escavadas na Estação Neolítica do Prazo, Freixo de Numão.



Localização da Estação Neolítica do Prazo na CMP, esc. 1:25000, folha nº 140

Fig. 2 – Localização da Estação Neolítica do Prazo, Freixo de Numão.

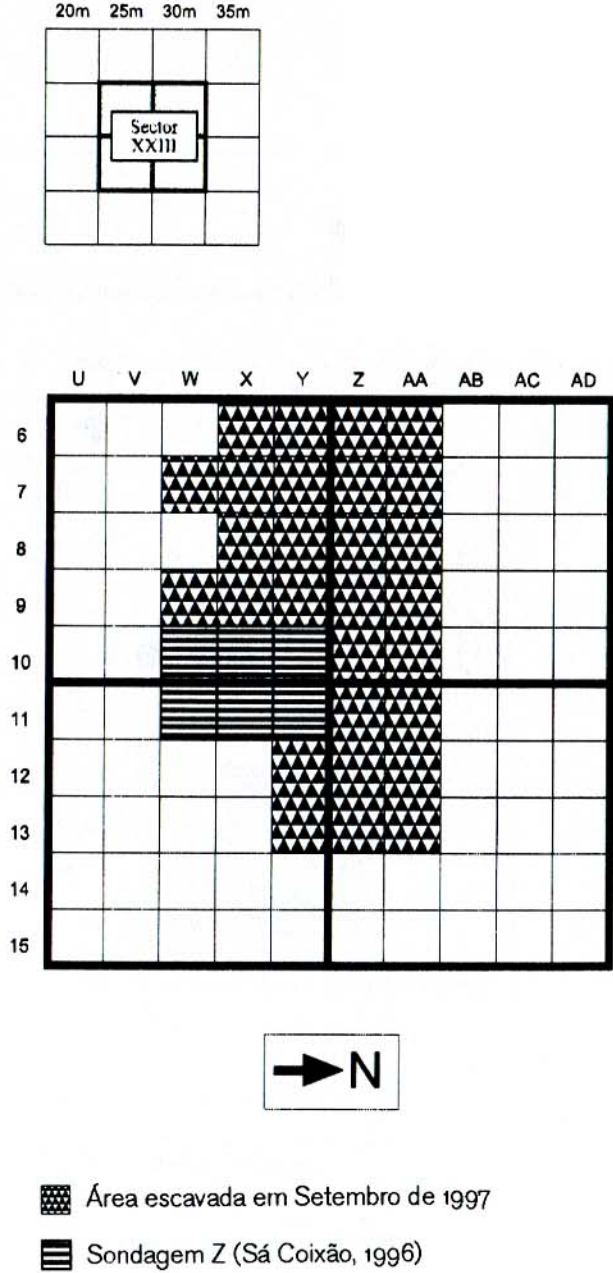


Fig. 3 – Estação Neolítica do Prazo, Freixo de Numão.
Quadriculagem do Sector XXIII.

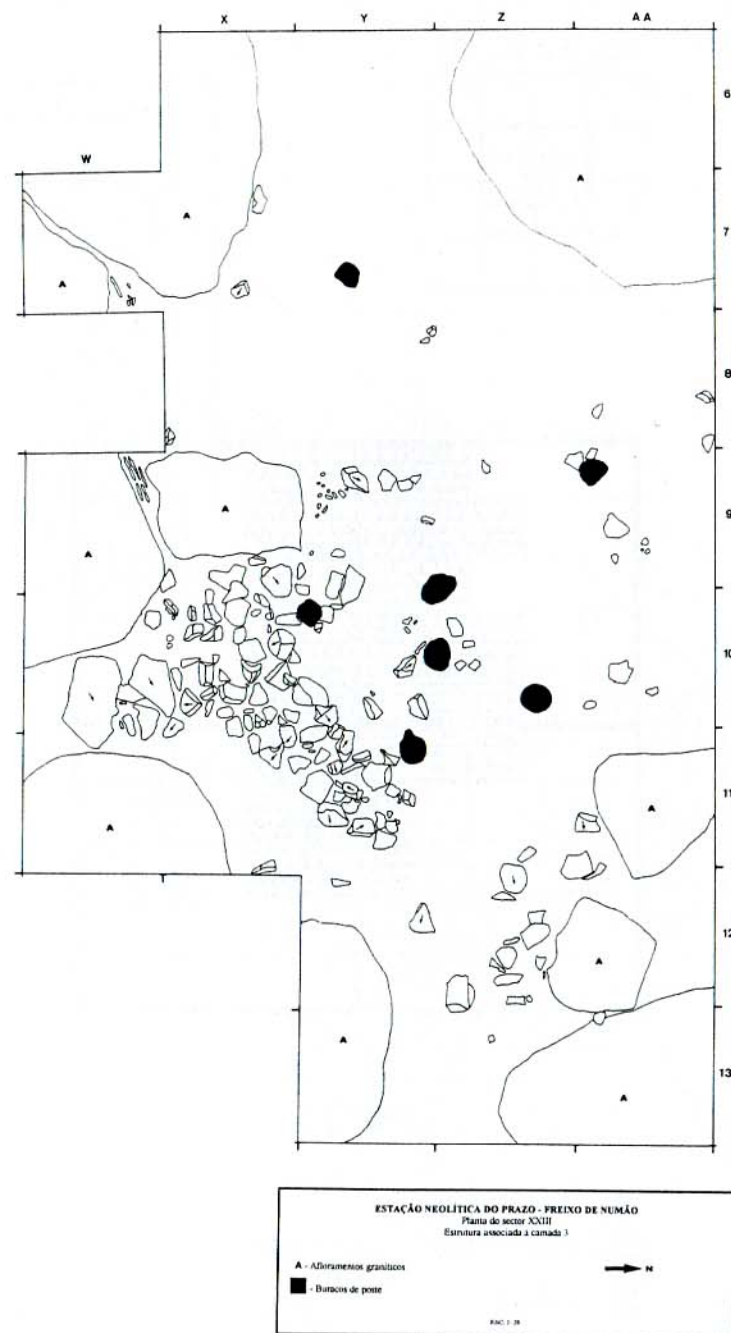


Fig. 4 – Estação Neolítica do Prazo, Freixo de Numão.
Planta do Sector XXIII. Estruturas associadas à camada 3.

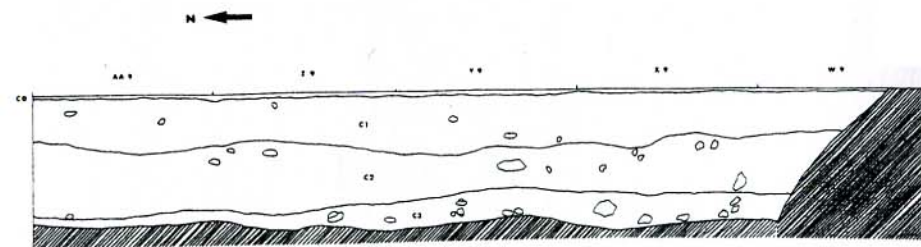


Fig. 5 – Corte estratigráfico da Estação Neolítica do Prazo, Freixo de Numão.
Sector XXIII, corte Este.

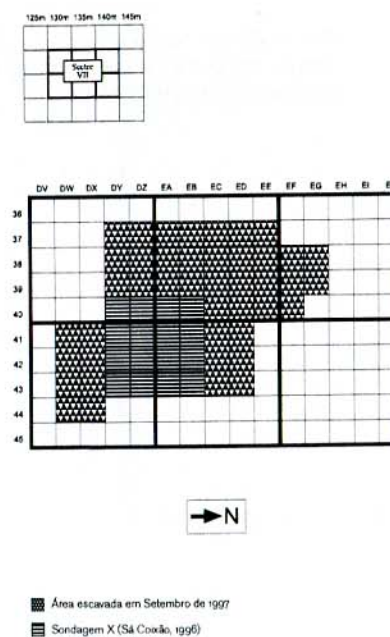


Fig. 6 – Estação Neolítica do Prazo, Freixo de Numão.
Quadriculagem do Sector VII.

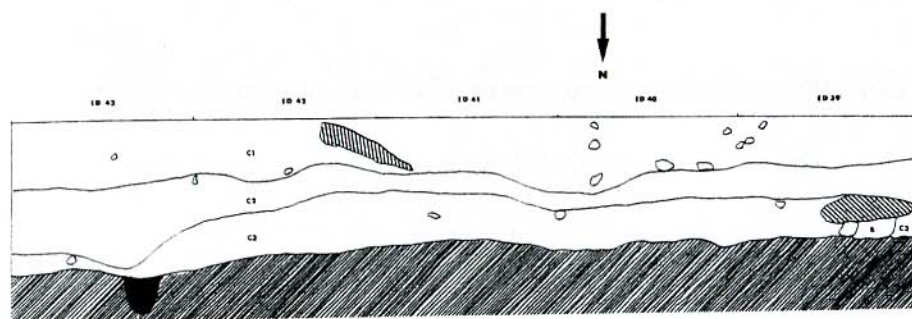


Fig. 7 – Corte estratigráfico da Estação Neolítica do Prazo, Freixo de Numão. Sector VII, corte Sul. São visíveis dois grandes blocos de granito inseridos no corte e um buraco de poste (a negro).

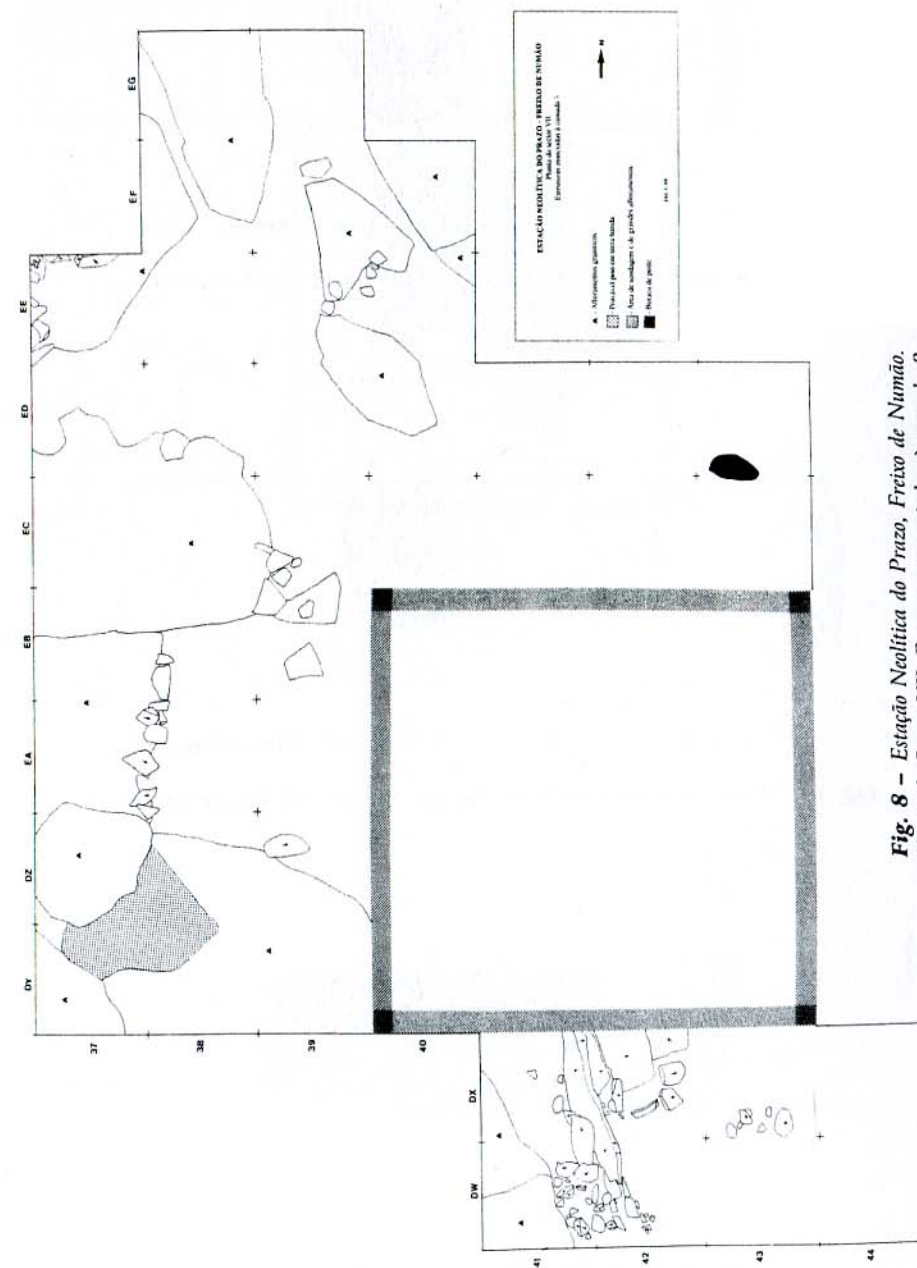


Fig. 8 – Estação Neolítica do Prazo, Freixo de Numão. Planta do Sector VII. Estruturas associadas à camada 3.

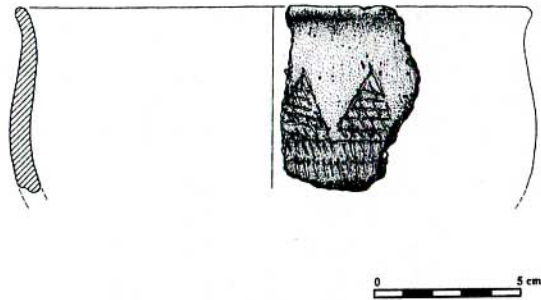


Fig. 9 – Recipiente cerâmico da Estação Neolítica do Prazo com decoração incisa.

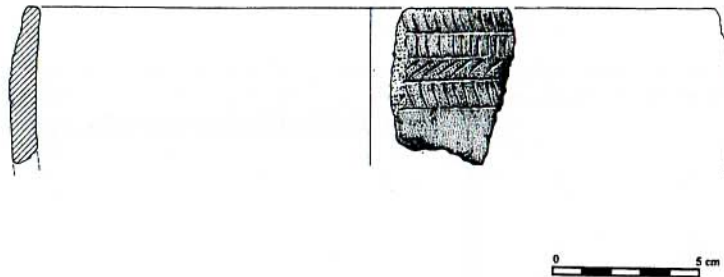


Fig. 10 – Recipiente cerâmico da Estação Neolítica do Prazo com decoração em espinha.

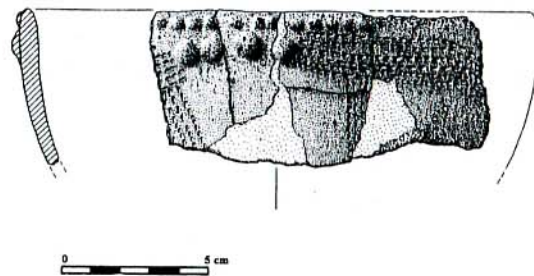


Fig. 11 – Recipiente cerâmico da Estação Neolítica do Prazo com mamilos e puncionamento arrastado.

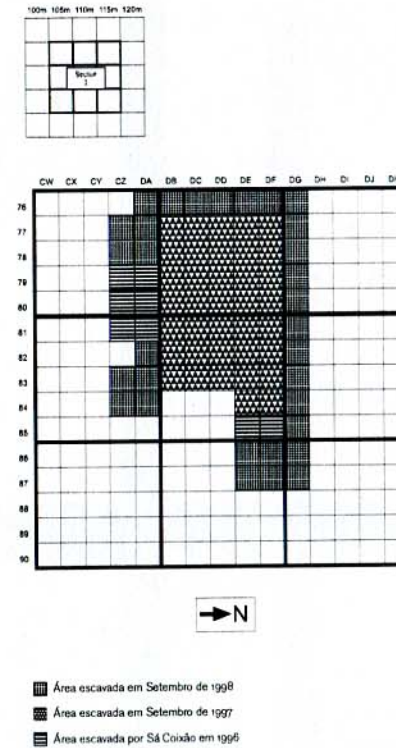


Fig. 12 – Estação Neolítica do Prazo, Freixo de Numão. Quadriculagem do Sector I.

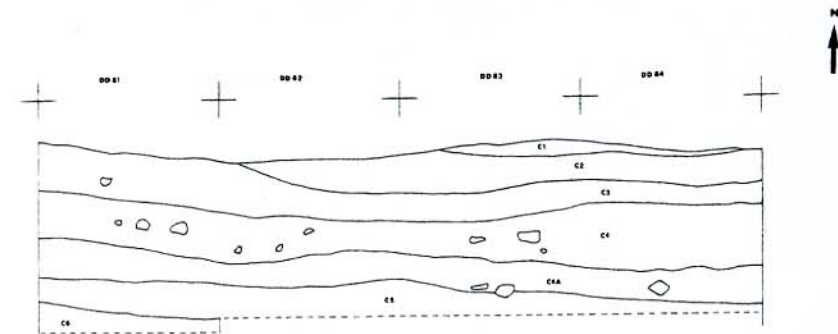


Fig. 13 – Corte estratigráfico da Estação Neolítica do Prazo, Freixo de Numão. Sector I, corte Norte.

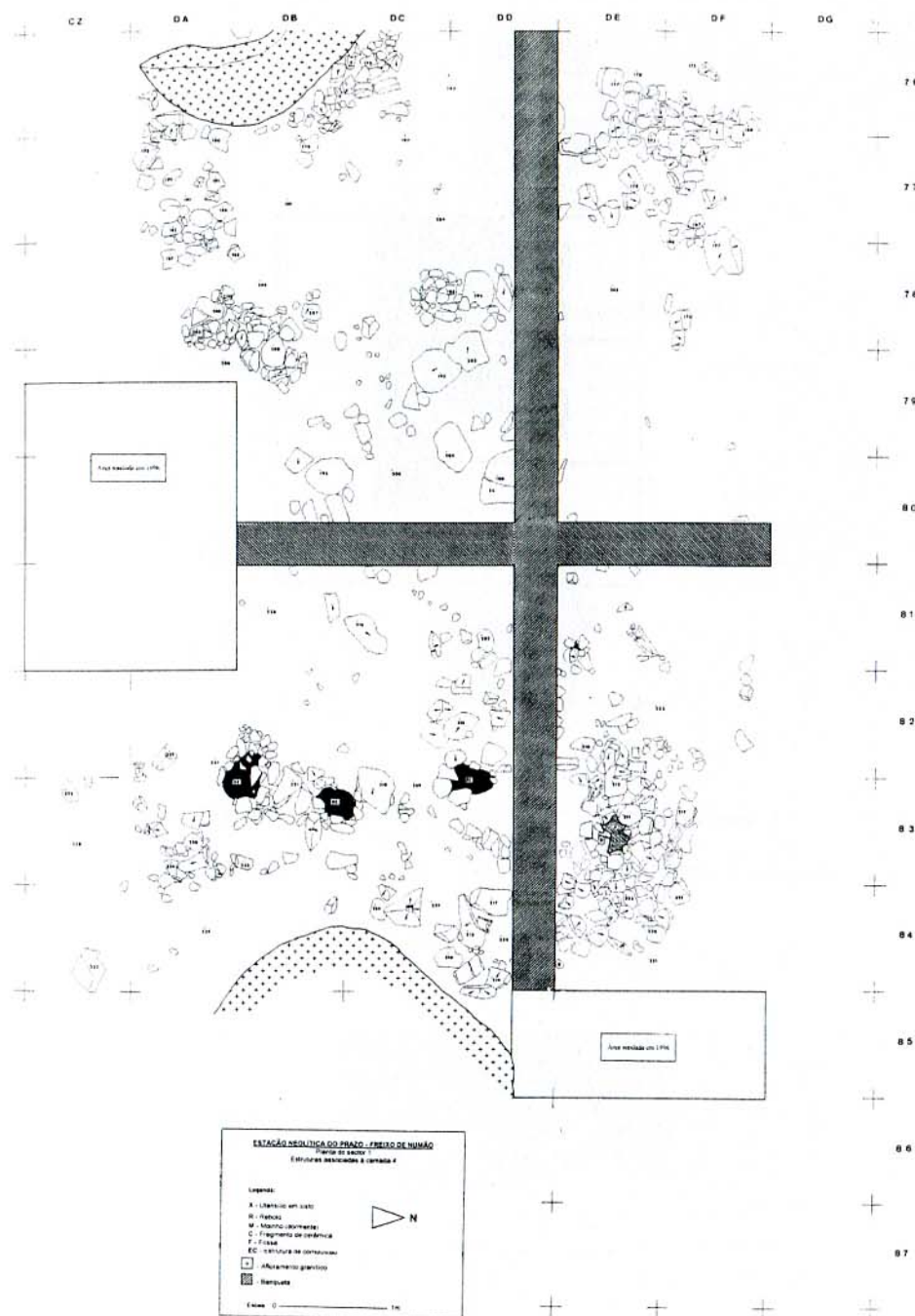


Fig. 14 – Estação Neolítica do Prazo, Freixo de Numão.
Planta do Sector I. Estruturas associadas à camada 4.

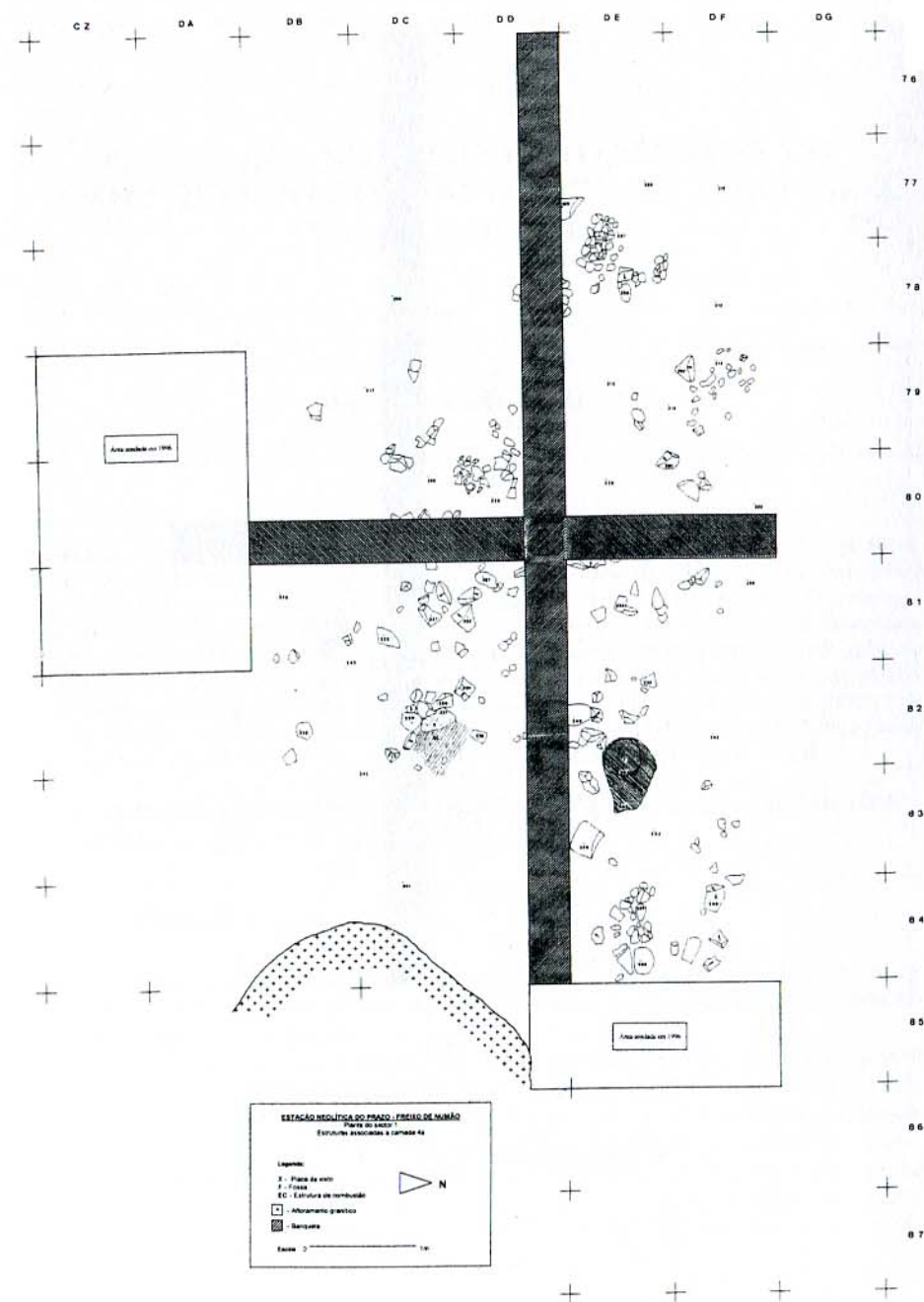


Fig. 15 – Estação Neolítica do Prazo, Freixo de Numão.
Planta do Sector I. Estruturas associadas à camada 4a.

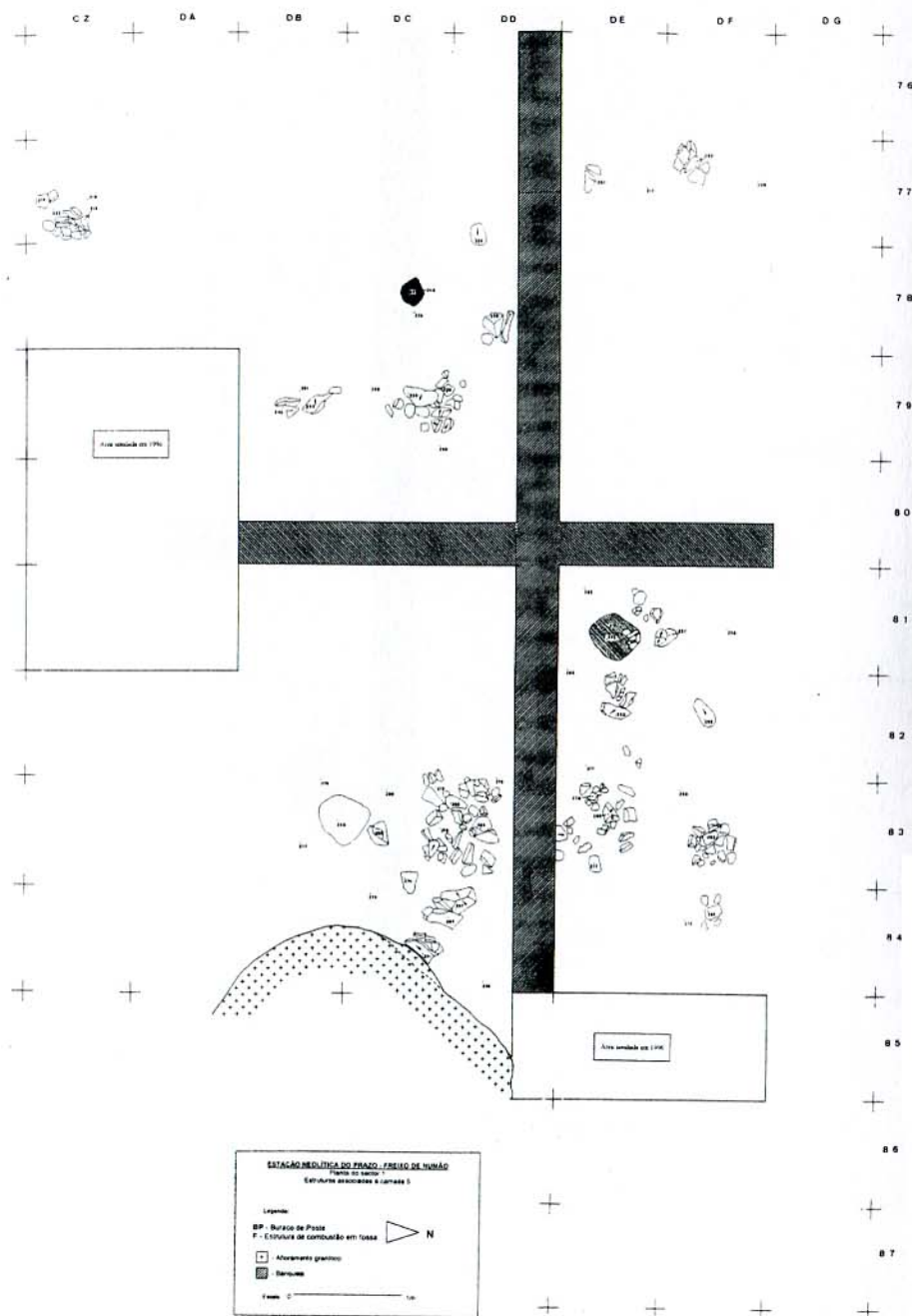


Fig. 16 – Estação Neolítica do Prazo, Freixo de Numão.
Planta do Sector I. Estruturas associadas à camada 5.

REFLEXÕES SOBRE O POVOAMENTO DO NEOLÍTICO INICIAL DO NORTE DE PORTUGAL (VI.º-IV.º MIL. A. C.)

por

Maria de Jesus Sanches*

Resumo: Procura-se aqui fazer uma reflexão sobre a documentação arqueográfica e paleobotânica relativa ao Neolítico inicial do Norte de Portugal. Uma das questões mais pertinentes e discutida diz respeito à dificuldade de detectar habitats do início do Neolítico. Creemos que este problema não se deve colocar somente na deficiência dos nossos métodos de detecção e registo, mas sobretudo nas características intrínsecas desses habitats, marcados pela extrema fragilidade das estruturas habitacionais e pela fraca quantidade de desperdícios que produzem. Assim, será na ausência das informações requeridas para que os modelos de conceptualização histórica obtenham uma sustentação empírica, que poderá residir a explicação mais aceitável para o problema da ocupação do Neolítico inicial do Norte de Portugal.

Palavras-chave: Antropização do território; sistemas de subsistência; mobilidade residencial/logística.

A. INTRODUÇÃO

As sequências regionais sejam de âmbito arqueológico, sejam de âmbito paleoclimático constituem os documentos privilegiados no entendimento das sociedades neolíticas.

Desde a nossa primeira síntese em 1995 (Sanches 95, 97), relativa ao povoamento do Neolítico inicial regional de Trás-os-Montes e Alto Douro, até à actualidade a investigação de campo tem vindo a disponibilizar documentação arqueológica fundamental, decorrente particularmente das escavações da estação do Prazo – V.ª Nova de Foz-Côa (Rodrigues, 00), mas cujos resultados só poderão ser adequadamente avaliados quando o estudo desta estação ficar completo. Outra documentação arqueológica complementar, mas dizendo respeito ao Centro/Norte, foi entretanto publicada por A. Valera (1998).

* Departamento de Ciências e Técnicas do Património, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Via Panorâmica s/n, 4050-561, Porto (Portugal).
E-mail: msanches@esoterica.pt